



ARTIGOS



A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DA CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcilio de Souza Vieira¹

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de natureza fenomenológica elucidando o mundo vivido do pesquisador tendo por objetivo refletir sobre a contribuição da cultura popular na Educação Física. Ainda tomamos o conceito de cultura enquanto criação e manifestação espontânea que representa a sensibilidade estética, a essência do conhecimento e do sentimento presente no cotidiano de diferentes povos. Na Educação Física essa cultura se ressignifica na cultura corporal de movimento quando imbrica elementos da cultura popular com a cultura do corpo. Tais imbricamentos são transmitidos pelo corpo brincante dos folguedos e danças folclóricas, pelos jogos, brinquedos e brincadeiras inerentes a Educação Física.

Palavras-chave: Cultura popular. Educação Física. Cultura do Corpo.

THE IMPORTANCE OF THE KNOWLEDGE OF THE POPULAR CULTURE IN THE PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

One is about a research of phenomenological nature elucidating the lived world of the researcher having for objective to reflect on the contribution of the popular culture in the Physical Education. Still we take the culture concept while creation and spontaneous manifestation that aesthetic sensitivity, the essence of the knowledge and the present feeling in the daily one of different peoples represents. In the Physical Education this to mean culture if in when make use the corporal culture of movement elements of the popular culture with the culture of the body. Such imbricamentos are transmitted by the participant body of the idleness and folk dances, for the games, inherent toys and tricks the Physical Education.

Keywords: Popular culture. Physical education. Culture of the Body.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFRN. Professor do Curso de Educação Física da FARN- Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, e da rede pública de ensino da cidade do Natal.

1 INTRODUÇÃO

A história da Educação Física no Brasil hegemonicamente foi traçada por uma esportivização exacerbada tendo no futebol principalmente, um dos grandes representantes da área. A valorização de outros conhecimentos como a ginástica, a dança, a cultura corporal, os jogos, dentre outros conhecimentos é recente se considerarmos que a Educação Física traz consigo características de uma história militar. A inserção da cultura e mais precisamente da cultura popular na referida área de conhecimento, permite ao aluno interpretar o seu contexto sociocultural através das vivências e da exploração de sua corporeidade, enriquecendo as relações homem/homem, homem/sociedade e homem/meio ambiente, onde o significado está na educação global de nossos educandos, alcançando-os desta forma um sentido e um significado em nossas praxes.

A perspectiva que conduz essas reflexões é a de situar a cultura popular na Educação Física escolar como uma manifestação de movimento, em que o objetivo se encontra na formação geral do indivíduo; desmistificando a relação da cultura popular com a concepção dual de ser humano, a percepção de corpo-objeto, ou corpo-dócil da Educação Física tradicional, que para Moreira (1995), somente este pode sujeitar-se a uma educação fragmentada. Este autor sugere a metáfora do corpo “presente pressente”, e respeitar este corpo na Educação Física é,

[...] dar oportunidade para o aluno refletir sobre seu corpo, sobre sua relação com outros corpos e com o meio ambiente; é favorecer o surgimento de uma cultura corporal, na qual se têm respeitadas e analisadas as questões das necessidades e dos desejos do corpo que é e que intui; é assumir uma postura profissional em defesa do lúdico, do prazer, da participação, como atributos sempre presentes no nosso fazer pedagógico (MOREIRA, 1995, p. 27).

E, valorizar a cultura popular, dentro da Educação Física escolar, num mesmo nível de importância de outros conteúdos que também são frutos da criação do ser humano, ou seja, os jogos, a dança, as lutas e o esporte.

Este texto tem por objetivo refletir sobre a contribuição da cultura popular na Educação Física partindo de uma abordagem metodológica fenomenológica merleau-pontyana considerando-se o mundo vivido. É no mundo percebido, no mundo que envolve minha existência carnal, que revelo este mundo vivido antes de ser significado, mundo onde estamos; solo de nossos encontros com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões. Ao recorrermos a Fenomenologia como uma atitude, reconhecemos o nosso olhar sobre o fenômeno, àquilo que se mostra para nós enquanto sujeitos pesquisadores e assumimos o mundo vivido como abordagem metodológica para se pensar o fenômeno pesquisado.

2 UMA CULTURA OU VÁRIAS CULTURAS EM UMA SÓ CULTURA?

Em um país como o Brasil, tão diverso, tão grande, com tantas expressões diferentes, com tantos jeitos de ser, de brincar, de conviver e rezar, que vão se modificando de lugar para lugar, e a toda hora, não podemos falar de uma única cultura, mas das muitas culturas que o formam. Será que já paramos para pensar, por exemplo, quantas nações indígenas nós temos? E das culturas africanas que para cá vieram não foi uma nação, mas foram muitas a formar o que chamamos de cultura afro-brasileira. E os portugueses, foram os únicos? Na verdade, foram muitos os povos europeus, cada um com suas tradições, línguas, expressões, jeito de ser e crer, que vieram para cá e, misturados aos diferentes povos indígenas e africanos, ajudaram a formar um país plural e de muitas culturas.

Cultura, como nós a entendemos, diz respeito ao modo de ser e de viver dos grupos sociais: a língua, as regras de convívio, o gosto, o que se come, o que se bebe, o que se veste vão formando aquilo que é próprio de um povo (CHAUÍ, 1989).

Cultura é aqui entendida como o modo de relacionamento humano com seu real, ou ainda como o conjunto dos artefatos construídos pelos sujeitos em sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens, danças) pelos quais dão sentidos, produz e reproduz sua vida material e simbólica. É por nós entendida como circuito metabólico que envolve os níveis biológico, econômico, simbólico, histórico e metahistórico; é um

sistema aberto ao inacabado e indeterminado, simultaneamente uno e diverso, padronizado e desviante, singular e universal, material e imaterial, imanente e transcendente, físico e metafísico, humano e pré-humano; e na expressão de Morin (2008) um conceito esfinge referindo-se à multiplicidade e ao conflito de interpretações do termo.

Assim, numa perspectiva de organização recursiva, podemos dizer que uma determinada manifestação da cultura é produzida por seus portadores e estes são produzidos por essa mesma cultura, de forma que existe uma ampla relação em muitos outros momentos da vida humana.

Como marca da sociedade humana, a cultura é o seu capital cognitivo de conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica e das crenças míticas de uma sociedade (MORIN, 2008).

Ainda tomamos o conceito de cultura enquanto criação e manifestação espontânea que representa a sensibilidade estética, a essência do conhecimento e do sentimento presente no cotidiano de diferentes povos. Cabe ressaltar que ao falarmos de cultura é fundamental que façamos um recorte, visto o grande número de significados e adjetivos que a envolvem. Entretanto, mesmo buscando a identidade de um determinado aspecto da cultura, não podemos desconsiderar as relações e articulações existentes tanto entre seus adjetivos e significados quanto com relação a outros aspectos humanos. Convém dizer que concebemos o termo cultura como cultura popular de forma dinâmica e em relação com a vida cotidiana; liga-se a outras vertentes da cultura, bem como a outras dimensões humanas, sempre numa perspectiva dialógica, recursiva e holográfica.

A cultura popular é tudo isso bem misturado e refletido nos muitos jeitos de ser do brasileiro. Há muitas maneiras de dizer o que é cultura. Para alguns é sinônimo de conhecimento letrado, erudição. Para outros, cultura é expressão artística. Há quem considere cultura certo tipo de educação, polidez, bons modos. Para a Antropologia e a Ciência Social, cultura tem uma definição bem mais abrangente e se refere à capacidade que só os seres humanos têm de dar significados às ações que praticam à realidade natural e à realidade construída que os cerca, aos comportamentos de animais e de pessoas (MORAIS, 1989).

Essa capacidade é exercida em grupo, quer dizer, cada grupo de pessoas que vivem juntas vai dando significados próprios às coisas. Assim, dentro de uma mesma sociedade, diferentes grupos (classes sociais, grupos de idades, membros de corporações profissionais, etc.) podem dar significados distintos para um mesmo fato ou fenômeno. Conseqüentemente, desenvolvem maneiras distintas de vê-lo e de reagir a ele. A rede de significados e práticas de um grupo social é o que chamamos de cultura. Quer dizer, tudo o que os homens e mulheres aprendem com o grupo em que vive, a começar pela língua que fala seu modo de definir o que é feio ou bonito, certo ou errado, as técnicas, as regras sociais, as formas de expressão, tudo isso é cultura.

Cultura é um mundo de significados, é um código simbólico construído socialmente, isto é, em grupo, e compartilhado por todos os seus integrantes. Cultura é construção. Todos os seres humanos são capazes de criar cultura, todos têm cultura. Mas ninguém nasce assim; cultura é algo que se adquire, na convivência em grupo (ORTIZ, 2005). Exatamente por ser construída é que a cultura pode ser tão variada, cada grupo desenvolve a sua e pode ser também, transformada, modificada pelos próprios integrantes do grupo, por meio de contato e convivência com outros grupos. Cultura é algo que pode ser trocado: temos nossa cultura, mas podemos compreender as alheias.

O povo brasileiro é um povo plural, cuja trajetória, desde a formação até os dias de hoje, tem possibilitado o encontro e a combinação de tradições culturais diversas, recriadas em combinações novas, brasileiras. A história desses encontros e criações que é a própria história brasileira é marcada por conflitos e contradições. O povo brasileiro, além de multiétnico, é pluri-cultural, desde os primeiros tempos.

A cultura popular funciona como uma memória, transmitida de geração em geração, na qual se encontram conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade que a vive.

Conhecer a cultura popular, seus traços culturais, suas danças, folguedos, origens e símbolos, seus brinquedos e brincadeiras são características importantes no fazer do corpo em movimento, ou seja, na cultura corporal de movimento.

Na Educação Física essa cultura se ressignifica na cultura corporal de movimento quando imbrica elementos da cultura popular com a cultura

do corpo. Tais imbricamentos são transmitidos pelo corpo brincante dos folguedos e danças folclóricas, pelos jogos, brinquedos e brincadeiras, pelas atividades rítmicas e expressivas inerentes a Educação Física.

Essa cultura ainda é ressignificada na linguagem de danças, cantos, fantasias e comidas; o povo brasileiro fala sobre a sociedade em que vive seus valores e crenças. Nas festas, e por meio delas, são permanentemente construídas maneiras de viver e ver o mundo. Enfatizam-se as rodas de candomblé presentes na Bahia, no Rio de Janeiro e em tantas outras partes deste país; o maracatu a encantar com seus caboclos de lança o carnaval pernambucano; as escolas de samba, os clóvis e outros mascarados de rua dos múltiplos carnavais cariocas; as folias-de-reis e sua devoção natalina, a cavalhada que mistura muitas cores ao vermelho do Divino de Pirenópolis/GO, as danças do cururu mato-grossense em honra de São Gonçalo e o boi este do Maranhão, que bumba neste país de Norte a Sul; imagens de um Brasil plural encontrado na dança popular e que deve ser pensado como conteúdo da Educação Física.

Essa educação do corpo ou essa cultura do corpo na Educação Física pode ser percebida ainda nas representações sobre o ciclo de vida dos indivíduos e as marcas culturais que a ele se impõem. São objetos que retratam cenas ritualizadas de nascimento, batizado, namoro, casamento, enterro; o universo infantil da escola, dos brinquedos e das brincadeiras tradicionais, masculinos e femininos; o trabalho da casa e da rua, desempenhado por homens e mulheres, e os momentos de lazer e ócio, tais como a batucada num botequim e a ciranda dançada em praias nordestinas; representações das vidas que, ao longo do território nacional, são encontradas em constante processo de transformação estimulado pelos meios de comunicação de massa, mas preservadas na memória, na transmissão oral e que ora a Educação Física como uma educação do corpo pode ressignificar em suas práticas corporais.

A partir do entendimento de que a cultura é um campo, permanentemente renovado, de significados atribuídos às “coisas” sociais, e da discussão sobre a criação desse universo no Brasil, pode-se dar início ao debate sobre a maneira de abordar questões a ela referenciadas, de forma ampla para a construção do processo de criação da cultura corporal de movimento na Educação Física.

A ação do conhecimento da cultura popular na Educação Física pode estar pautada no universo simbólico de vasto segmento da população brasileira ligado a formas tradicionais de produzir, vivenciar e transmitir cultura. Nesse sentido, reconhecer a pluralidade cultural do país, buscar também o reconhecimento das culturas tradicionais populares, entendendo-as enquanto importante fator de constituição e fortalecimento das múltiplas identidades locais, regionais e nacionais, são premissas no processo de construção do pensamento da cultura corporal de movimento na Educação Física.

Tomamos dois exemplos de cultura popular que podem e devem ser trabalhados na aula de Educação Física: As danças populares e os jogos, brinquedos e brincadeiras.

As danças populares, danças da tradição ou danças folclóricas apresentam um rico acervo de cultura de movimento na Educação Física.

Sendo uma manifestação artística e da cultura corporal de movimento, o ensino da dança deve buscar fundamentos no próprio viver humano e na escola, enquanto aprendizagem como conhecimento construído, seus saberes devem ser tratados como cultura, criações humanas, possuindo um rico universo simbólico que deve ser valorizado e ressignificado no ensino.

Ao dançar na Educação Física, devem-se levar em consideração os repertórios de danças que os alunos trazem consigo, bem como construir outros repertórios por eles desconhecidos que visem um conhecimento intermediado pelo professor em dança, “[...] cabe ao professor também escolher e intermediar as relações entre a dança dos alunos [...], a dança dos artistas [...] e o conhecimento em sala de aula” (MARQUES, 2003, p. 33).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física indicam a dança como uma atividade rítmica e expressiva que deve abordar os conteúdos de dança a partir das manifestações da cultura brasileira, das manifestações musicais, das brincadeiras de roda e das cirandas. Este documento indica que o bloco de dança deve ser articulado aos dos conteúdos do corpo, do esporte, das lutas e da ginástica (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física relatam que o bloco de conteúdo “Dança” faz parte do documento de arte, e que o professor encontrará mais subsídios para desenvolver um trabalho de

dança, no que tange aos aspectos criativos e à concepção da dança como linguagem artística. Nesse mesmo documento no bloco de conteúdos “Atividades Rítmicas e Expressivas”, revela que este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características comuns à intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal, que são danças e as brincadeiras cantadas (BRASIL, 1998).

Para explicitarmos a presença das danças populares na Educação Física, tomamos o Pastoril como um dos exemplos possíveis para ser abordado nas aulas do referido componente curricular.

O Pastoril bailado que integra o ciclo das festas natalinas do Nordeste, teve início na Idade Média e era clássico em Portugal onde recebia a denominação de Auto do Presépio. Tinha, contudo, um sentido apologético, de ensino e defesa da verdade religiosa e da encarnação da divindade. A dramatização do tema surgiu da necessidade de compreensão do episódio da natividade; a cena parada ganhou vida com a incorporação de recursos visuais e auditivos como à utilização de instrumentos musicais e as canções, por exemplos (VALENTE, 1995; GURGEL, 1999; ANDRADE, 2002).

No Pastoril, assim como em outros folguedos da cultura popular brasileira, a aprendizagem se dá no corpo do brincante; o corpo é o meio de expressão e comunicação desses brincantes. É através dele que os participantes vivem suas experiências estéticas, transcrevem as marcas da cultura, afirmam sua existência, cantam, dançam, simbolizam, encontram respostas para suas inquietações, projetam valores, concebem e representam experiências, sentidos e significados (VIEIRA; NOBREGA, 2009).

O corpo no Pastoril cria sentidos e ao criá-los compartilha a experiência vivida por seus brincantes ao executar os movimentos/passos desse folguedo ou ao cantar as canções do mesmo.

Esse copo do qual falamos nos faz pensar em um corpo que se (re) educa a partir de processos culturais. Pensar essa perspectiva de corpo na educação é poder pensar um ato educativo em que há criação de novos sentidos para a existência e a possibilidade de interpretações diversas para uma mesma situação podendo se constituir numa possibilidade de educar que não negue a própria condição humana.

O corpo no Pastoril nos remete a sua condição humana e constante presença que é corpórea, expressiva e lúdica. No pastoril a dança desses brincantes se configura na experiência do corpo, do movimento, da sensibilidade, da musicalidade, da gestualidade.

Pela sua presença corporal esses homens e mulheres brincantes de pastoril produzem cultura e por meio desta se estabelecem no mundo, ultrapassa a fronteira do biológico, cria e recria símbolos, cria cultura. Corpo que constitui um fenômeno multidimensional ao mesmo tempo biológico e cultural.

Nas aulas de Educação Física a presença da cultura popular, seja através da dança, por exemplo, é de singular importância para que crianças e adolescentes tenham contato com esses saberes da cultura através dos seus corpos e o referido componente curricular pode ser um facilitador para essa prática corporal no ambiente escolar.

3 BRINCANDO PELOS PARQUES DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM CARROSSEL DE IMAGENS, SENTIDOS E CORES

Na escola, o ensino de jogos através dos brinquedos cantados, visa ao processo criativo, devendo estar professor e aluno sempre motivados para as aulas. É de fundamental importância que haja um planejamento profundo e consciente dos objetivos a serem alcançados bem como a utilização de estratégias pluridimensionais que estabeleçam relações entre a Educação Física, área de conhecimento que, atualmente, trata dos brinquedos cantados e os outros componentes curriculares e que permitam ao aluno desenvolver seu processo de ensino-aprendizagem através de conhecimentos, de habilidades, de comportamentos e da própria consciência corporal sobre os brinquedos cantados (BRASIL, 1998).

Pensar o jogo no âmbito pedagógico requer o conhecimento e a consciência da função que ele desempenha (a de ser jogo), e também o cuidado de planejar, propor e desenvolver atividades em que o espírito do jogo se conserve. Isto quer dizer que, respeitadas estas condições, o jogo pode e deve ser objeto de atenção de educadores, levando, dessa forma, o lúdico necessário a um aprendizado rico, cheio de alegrias, descobertas e interações. Entretanto, o desenvolvimento das teorias educacionais compactuaram com

o furto do lúdico e do tempo livre, considerando o jogo e a brincadeira como forma não séria de canalizar a energia excessiva dispendidas pelas crianças e pelos adolescentes. Nos dias atuais, encontramos ainda no espaço escolar uma visão distorcida das atividades lúdicas, estas são consideradas incapazes de proporcionar o desenvolvimento da comunicação, da criatividade e da participação das crianças e dos adolescentes. No entanto, o lúdico se infiltra nas atividades sérias destes atores sociais modificando suas formas de execução e manifestando subjetividades, favorecendo seus desenvolvimentos, iniciativa, criação, organização e responsabilidade da produção de regras que irão reger o contrato lúdico dos jogos.

Os jogos tradicionais ou populares do mundo infantil que normalmente vêm sendo reduzidos ao inútil e à marginalidade apresentam-se como um reservatório de gestualidades e modos de se relacionar das comunidades. Trata-se de um capital cultural, que a urbanização e a ampliação dos meios de comunicação de massa tratam de restringir a uns poucos espaços. Ainda assim eles resistem e cotam as histórias culturais dos grupos que deles participam.

O jogo, como conteúdo da Educação Física escolar, pode ser compreendido como um operador de "ações" no desenvolvimento da criança, um fator de aprendizagem que potencializa as escolhas, as decisões, bem como o processo de aprendizagem, a partir da memória lúdica vivenciada pelos alunos em seu cotidiano, em suas comunidades, pois os jogos podem contar a história de uma sociedade, de uma comunidade. Entre as crianças podem ser observados e desenvolvidos jogos em que as regras estão ocultas ou evidentes, na diversidade de situações imaginárias potencializadas. Como recurso metodológico, o jogo, como um fenômeno marcado pelo lúdico, possibilita a flexibilização de regras com características mais solidárias e afetivas, em oposição à sobrepujança e à discriminação das atividades competitivas, bem como possibilita a interface com outros conteúdos da Educação Física, como, por exemplo, os esportes, relação materializada nos jogos pré-desportivos.

Considerado como parte da cultura popular, o jogo (tradicional) guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida sobretudo pela oralidade, não fica cristalizada; está sempre em transformação, incorporando criações anônimas

das gerações que vão se sucedendo. Por ser elemento popular, assume características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade (KISHIMOTO, 1993).

O jogo nas suas múltiplas facetas, pode no espaço escolar serem exercidos com um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações diversas e de processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 1998). Ele se predispõe a cooperação e a solidariedade, ao diálogo, a valorização da cultura popular e na escola dispõe-se a adaptar regras, respeito as diferenças, vivências com jogos teatrais, cooperativos, competitivos, bem como desenvolvimento da capacidade de adaptar-se a espaços e materiais para a realização do brincar no espaço escolar.

Pela sua importância e influência como prática corporal de movimento, o jogo precisa assumir papel preponderante no espaço escolar, sem perder o seu caráter lúdico satisfazendo as necessidades do brincar das crianças e dos adolescentes.

No cotidiano da escola o brincar precisa, de fato, estar presente para que o conhecimento seja construído de forma prazerosa e significativa, pois dessa forma, a criança traz para a situação pedagógica da brincadeira aquilo que faz parte do seu repertório cultural e consegue comunicar aos amigos de turma, estabelecer trocas e, portanto, elaborar novos saberes. Sabemos que esta ação não acontece de forma isolada, como um fim em si mesmo, mas como prática de ação planejada pelo docente com o objetivo de permitir a exploração daquilo que já se conhece e ampliação desse repertório, dado que esta é função primordial da escola.

Brincar é valorizar a cultura corporal de movimento. Valorizar a cultura corporal de movimento dentro da Educação Física Escolar, num mesmo nível de importância de outros conteúdos que também fazem parte dos conteúdos aplicados à educação infantil, a educação fundamental, nos conduz a pensar essa cultura corporal de movimento na educação como conhecimento que visa aprender a expressão corporal como linguagem.

O brincar, numa perspectiva sócio-cultural, define-se por uma maneira que as crianças e adolescentes têm para interpretar, comunicar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Este ato, quando não subvertido pelo olhar do adulto e indo para além do formalismo, considerando o jogo, o sonho, a imitação, o imaginário, a afetividade

(MERLEAU-PONTY, 2006), faz com que a criança e o adolescente descubram em seu jogo as regras, a ludicidade, a percepção do próprio corpo, as experiências com o outro e consigo próprio, a sociabilidade sincrética, a linguagem, as relações com o imaginário e as intencionalidades afetivas.

A Educação Física pode configurar-se como um espaço em que o educando brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem. Brincar com a linguagem corporal significa criar situações na qual os alunos entrem em contato com diferentes manifestações da cultura corporal (entendida como as diferentes práticas corporais elaboradas pelos seres humanos ao longo da história, cujos significados foram sendo tecidos nos diversos contextos sócio-culturais), sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras e às danças (AYOUB, 2001).

Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 144) afirmam que o brincar é um operar no presente, “[...] no cotidiano distinguimos como brincadeira qualquer atividade vivida no presente de sua realização e desempenhada de modo emocional, sem nenhum propósito que lhe seja exterior”. Dessa forma, ao brincar as crianças constroem suas relações espaciais, seus domínios de ações, seus modos de vida coletiva e suas relações sociais.

De onde vêm as brincadeiras? Ninguém responde com certeza. Elas são universais e fazem parte da cultura popular – como a literatura oral, a música, a culinária. Entende ser impossível dar a palavra final sobre o surgimento de uma brincadeira, pois ela agrega variantes e se transforma ao longo do tempo. Faz menção ao jogo infantil presente na *Odisséia* de Homero, às bonecas colocadas nos túmulos de crianças gregas (Séc. IV a.C.), aos piões, bonecas, soldadinhos, histórias de monstros e canções de ninar trazidas pelas famílias européias que chegavam ao Brasil, às danças africanas e suas criaturas assustadoras (tutu-marambá, nironga), às danças, músicas e lendas indígenas, dentre outras, revelando a dificuldade em saber a origem de determinada brincadeira, brinquedo ou jogo, dadas as mesclas culturais que vão ocorrendo frente o processo de construção cultural.

Assim, mesmo sem uma noção clara da origem das brincadeiras cantadas é possível visualizá-la a partir das mesclas culturais entre branco, negro e índio que conduziram à criação de formas de representação corporal, transmitidas e (re) significadas ao longo dos séculos. Kishimoto (1993)

elucida que as brincadeiras cantadas são bastante antigas, podendo ser uma interpretação infantil das danças circulares sagradas. As crianças cantavam as músicas e o elemento lúdico teria impulsionado a realização de alterações nestas danças, resultando em novas formas de dançar.

Esta proposta faz com que se perceba que o lúdico é uma opção de trabalhar o conhecimento de forma prazerosa, pois é através do brincar que a criança aprende a lidar com o mundo, e formar sua personalidade, recriando situações do seu dia a dia na busca de novas experiências. Dentro desta concepção Bruner *apud* Kishimoto (1993, p. 68) afirma dizendo: "O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem, que funciona como instrumento de pensamento e ação, para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica".

A brincadeira pode ser entendida como ação lúdica com predominância de imaginação em constante inter-relação com o jogo, prevalecendo neste a organização da atividade por meio de regras. Cabe aqui, portanto, ao realizarmos essas reflexões, contribuir para subsidiar ações baseadas em elementos lúdicos no processo educativo, em especial, na Educação Física, embora, como lembra Bracht (2000), esta não deve ser a única disciplina escolar a tratar os conteúdos lúdicos como importantes à formação educacional da criança.

O brinquedo facilita a apreensão da realidade e é muito mais um processo do que um produto. É, ao mesmo tempo, a atividade e a experiência envolvendo a participação total do indivíduo. Exige movimentação física, envolvimento emocional, além do desafio mental que provoca.

Considerando essa tipologia dinâmica, as brincadeiras cantadas são entendidas como formas lúdicas de brincar com o corpo a partir da relação estabelecida entre movimento corporal e expressão vocal, na forma de músicas, frases, palavras ou sílabas ritmadas. Integram a cultura popular ou fazem parte das criações contemporâneas, representando uma possibilidade de potencializar o "lúdico" no contexto educacional, manifestadas ora pelo *ludus* (comum na condução sistematizada das brincadeiras, por exemplo, quando elas são ensinadas e explicadas) ora pela *paidia* (geralmente presente nas atividades não-diretivas, como um laboratório de criação, por exemplo).

Muitas brincadeiras cantadas podem ser caracterizadas como formas de expressão do corpo que integram o folclore, especialmente o infantil, sendo representadas pela associação de musicalidade e movimento. *Escravos de Jó, Terezinha de Jesus, Marcha soldado, Capelinha de melão e Ciranda-cirandinha* são algumas cantigas que, associadas a formas diferenciadas do "movimentar-se", caracterizam-se como brincadeiras cantadas de importante contribuição educacional.

Ao ser ensinado no espaço escolar como uma das formas do processo de ensino-aprendizagem da Educação Física, os brinquedos cantados precisam estar de acordo com as competências da criança e do adolescente, variando-se com a idade e devem se constituir de três elementos básicos para sua aprendizagem: letra, melodia e movimentação.

Transmitidas pela tradição oral, hoje se sabendo que alguns pesquisadores já as documentaram, os brinquedos cantados fazem parte do cancionário popular infantil abrangendo canções de acalanto, cantigas avulsas, estribilhos musicais, toadas, divididos em brinquedos de roda, de grupo, de fileiras, de marcha, de palmas, de pegar, de esconder, de cebra-cega tendo como tema central o cancionário popular infantil e representado por uma roda.

Essa roda, onde se brinca, nela tratam-se na brincadeira cantada de temas da vida social, temas da natureza, temas instintivos e temas do romanceiro; podem ser rodas de canções lentas, moderadas, vivas e alternantes, executadas em coro, solo e coro, forma e mista, estruturadas em melodias. A formação das rodas geralmente parte do simples para o mais complexo, com figuras simples, figurantes ao centro ou fora dela apresentando movimentações de marcha simples, na ponta dos pés, saltitos, roda em cadeia ou em serpentina e rodas que acentuam um determinado ritmo ou marcam os tempos fortes da melodia.

Brincando, a criança busca compreender e dominar os fatos fora de seu alcance. Porém, não se pode esquecer que a brincadeira também permite transcender a realidade imediata, haja vista a presença, mesmo que minoritária, de outras realidades sociais que estabelecem intercâmbio com aquela na qual a criança vive. Sintetizando, embora a criança geralmente não possa agir diretamente sobre parte da realidade, a atividade lúdica se torna uma das formas pelas quais a criança se apropria

do mundo, e pela qual o mundo humano penetra em seu processo de constituição enquanto sujeito histórico. Em acréscimo, é geralmente por meio de jogos e brincadeiras que crianças compartilham suas memórias, constituindo não somente um tipo de educação informal como, também, uma espécie de produção cultural comum.

Como o brincar pode ser visto primeiramente como produção cultural predominantemente imaginária, dotada de significado, seu valor torna-se incontestado na educação informal. Em particular, as brincadeiras cantadas permitem a associação (tanto espontânea quanto organizada) de gesto e sonoridade. Esta possibilidade, reconhecidamente prazerosa no contexto infantil, permite que saberes culturais tradicionais sejam transmitidos a cada geração.

As brincadeiras cantadas fundem na musicalidade, na dança, na dramatização, na mímica e nos jogos, (dependendo do enfoque a ser priorizado em cada atividade), representando um conhecimento de grande contribuição à vida de movimento da criança. Integram o conjunto de cantigas próprias da criança e por ela entoadas em seus brinquedos ou ouvidas dos adultos quando pretendem fazê-la adormecer ou instruí-la, transmitidas pela tradição oral.

No nosso entender, apoiados pelos autores que tratam da temática abordada, alguns dos objetivos visados com a aplicação dos brinquedos cantados seriam auxiliar no desenvolvimento da coordenação sensório-motora; educar o senso rítmico; favorecer a socialização; estimular o gosto pela música e pelo movimento; perpetuar tradições folclóricas; favorecer o contato sadio entre indivíduos de ambos os sexos; disciplinar emoções tais como a timidez, a agressividade, a prepotência; incentivar a auto-expressão e a criatividade.

Para o trabalho com as brincadeiras cantadas é importante ainda considerar o ensino da letra e discussão do tema abordado (dependendo da faixa etária); contextualização da brincadeira quando possível (época em que foi criada, formas diferenciadas de realização e transformações observadas); ensino da melodia; construção da gestualidade de forma coletiva (professor e aluno) ou sugestão de condução dada pelo professor e, após, modificação da atividade pelos alunos, recriando a brincadeira e levando a novas formas de estruturação da mesma.

Podem ser realizadas movimentações que tenham relação com a letra (forma de dramatização) ou que apresentem um gestual diferente do que a letra solicita. Podem ser apresentados trabalhos escolares sobre brincadeiras cantadas já realizadas por pais e avós das crianças, ou ainda festivais para exibição das atividades selecionadas pelo grupo.

Embora sejam inúmeras as brincadeiras cantadas que integram o folclore, existem aquelas que não fazem parte desse universo. Atualmente, devido ao avanço tecnológico dos meios de comunicação, é crescente o acesso ao trabalho de educadores que criam suas próprias músicas e formas de brincar, tendo uma preocupação com os aspectos pedagógicos de suas produções. Contudo, é preciso ficar atento às invasões ao universo infantil pelo viés puramente comercial, consumista, levando a camuflar as manifestações de domínio público ou a utilizá-las para fortalecimento da indústria cultural.

Trata-se de uma prática que vem tomando grandes vultos na atualidade e que precisa ser tratada com cautela pelo educador como forma de se precaver de oportunismos desprovidos de compromisso educacional. Entende-se como ação comprometida restringir a veiculação, na escola, de uma produção musical empobrecida e massificada e, concomitantemente, de favorecer o enriquecimento gestual, rítmico, expressivo, e de despertar o interesse por manifestações culturais que, embora assumam peculiaridades regionais e nacionais, possuem características mundializantes.

É possível utilizar a estratégia de resolução de problemas para recriar coreografias e letras tradicionais das brincadeiras cantadas. Para ilustrar, o simples fato de ser encarregado de mudar o ritmo da canção ou o posicionamento do grupo na roda pode desencadear posturas ativas, críticas e criativas, seja pelo processo (a forma como os alunos se organizam para resolver os problemas), ou pelo produto (os movimentos e ritmos novos advindos desse processo construtivo).

Um aspecto importante a ser lembrado na distribuição didática da brincadeira cantada seria favorecer a pluralidade de formas de manifestar-se. Além de organizá-las conforme conteúdo e origem sociocultural e étnica é possível considerar os diferentes tipos de brincadeiras cantadas. Uma divisão comumente observada em alguns pes-

quisadores, a exemplo de Noda [s.d.], está assim distribuída: brinquedos de roda (*Ciranda cirandinha*); brinquedos de grupos opostos (*Mocinhas da Europa*); brinquedos de fileira (*Passarás, não passarás*); brinquedos de marcha (*Marcha soldado*); brinquedos de palmas (*Pirulito que bate bate*); brinquedos de pegar (*Vamos passear no bosque*); brinquedos de esconder (*Balança-caixão*); brinquedos de cabra-cega (*A gatinha parda*); chamadas para brinquedo (*Ajunta povo para brincar*); cantigas para selecionar jogadores (*Um no ni é de po, politana*).

Tal classificação é interessante como forma de percepção das variações existentes em torno das brincadeiras e da importância de levar o aluno a vivenciar as suas inúmeras possibilidades (roda, fileira, esconde-esconde, pega-pega, e outros), assim como visualizar aquelas que mais se aproximam dos jogos ou das mímicas, danças e dramatizações. Entretanto, as divisões cada vez mais acentuadas podem gerar certa fragmentação no trato com o conhecimento a ponto do educador não conseguir visualizar as brincadeiras a não ser por essa estruturação. O fato de algumas brincadeiras se enquadrarem em mais de uma classificação também pode gerar certas confusões.

Além das brincadeiras, bastante significantes são as histórias contadas de namoro, assombração, de além mar, contos maravilhosos e as cantigas de roda, tais como ciranda-cirandinha, o rei mandou, fui na Espanha, boi passa, batata que passa-passa, o gato e o rato, o cravo e a rosa, sete pecados, adidonha, atirei um pau no gato, seu grilo, tengo telengo tengo e, os brinquedos que muitas vezes eram confeccionados pelos próprios jogadores na sua infância: pião, bola, pipa, bola de gude ou biloca, boneca de pano ou de madeira, carrinho de lata ou de madeira, cavalo de pau, pé de quenga, bambolê, dominó, peteca, vaquinha de fruta, de palitos, estofados de caixa de fósforo, bicicleta, xadrez, telefone sem fio, árvore de natal de galhos de planta ou feitas com algodão.

Trazer esse universo rico da cultura popular para a Educação Física é possibilitar ao educando uma Educação Física com mais sabor favorecendo a brincadeira, o jogo, as danças populares no contexto da Educação Física não podendo levar a uma atitude de "laissez faire" - abandono pedagógico, de abrir mão da mediação do adulto no processo educativo com a criança e o adolescente. Ao contrário, é no contexto da

brincadeira, dos jogos e da dança que precisamos aprender a realizar o nosso papel: “[...] o papel do professor como mediador, intencional e explícito, do processo de elaboração dos conceitos sistematizados na relação de ensino” (FONTANA, 1996, p. 43).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partilhamos do entendimento de que a Educação Física, como área do conhecimento escolar, realiza sua prática pedagógica tendo como objeto de ensino a “cultura corporal de movimento”. Nessa condição – e em integração com os diferentes conhecimentos e práticas escolares – temos o compromisso de garantir o direito de acesso à riqueza dos temas e conteúdos de ensino da Educação Física, especialmente sua partilha, reinvenção e reconstrução coletiva, na educação básica.

Acreditamos que é possível por meio da dança promover uma prática pedagógica que provoque a ação e a reflexão do sujeito sobre a realidade em que vive, viabilizando o desenvolvimento cultural, fundamento da arte e da educação.

Assim, a Educação Física deve propiciar ao educando a possibilidade de brincar, jogar, dançar com a linguagem corporal, evitando uma atitude de abandono pedagógico e criando situações na qual esse educando entre em contato com diferentes manifestações da cultura corporal, sobretudo relacionadas a jogos, brincadeiras, ginástica, dança, nunca esquecendo da dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na escola.

Se considerarmos que a problemática da Educação Física pode ser “o movimentar-se humano e suas objetivações culturais na perspectiva de sua participação/contribuição para a educação do homem” (BRACHT, 2000, p. 61), parecer-nos-á mais do que justificável que essa área pode e deve contribuir para repensar o corpo, o movimento e a cultura corporal da criança pequena na Educação Infantil. Seria essa contribuição uma forma de contrariar os índices que apontam para a parca reflexão acerca dessa temática na Educação Infantil e na própria Educação Física.

As experiências com jogos e as danças da tradição em sala de aula tem possibilitado uma compreensão dos dispositivos da cultura popular no seio da educação formal, possibilitando aos estudantes um reencontro

com as manifestações populares compreendidas aqui na forma de jogos, brinquedos e brincadeiras e danças populares.

Enfim, ressaltamos a necessidade de uma discussão mais ampliada sobre a Educação Física na Educação dentro de uma concepção que valorize a cultura corporal de movimento e construção de um pensamento em Educação Física que permita um aprimoramento nos conhecimentos e orientações sobre os significados e implicações da cultura corporal de movimento da criança e do adolescente em seu processo de escolarização.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física** [on line]. São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/eff/rpef>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

BRACHT, Valter. Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in) feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 1, p. 53-64, set. 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989.

FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Natal: Prefeitura municipal; FUNCART. Secretaria do 4º Centenário, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. 3. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1993.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerta. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do homem**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAIS, Regis de. **Cultura brasileira e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MOREIRA, Wagner W. **Corpo presente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

NODA, Lídia Mieko. **Curso de Aperfeiçoamento para professores atuantes no 2º grau**. Maringá, [s.d]. (Material Didático).

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.

VALENTE, Waldemar. **Pastoris do Recife antigo e outros ensaios**. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

VIEIRA, Marcilio de Souza; NÓBREGA, T. P. **Pastoril profano: educação e arte**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE – EPENN, 19., João Pessoa, PB, julho de 2009. **Anais...** João Pessoa, 2009.

